





JUAN MOLLÁ

A SELVA  
E OUTROS SONHOS



2004

# ELS PLECS DEL MAGNÀNIM

Colecção dirigida por Ricardo Bellveser

82

Tradução:  
Luís Filipe Sarmento

© Juan Mollá, 2004

© Da presente edição:

Institució Alfons el Magnànim

Diputació de València, 2002

Quevedo, 10

46001 València

[alfons.magnanim@diputacion.m400.gva.es](mailto:alfons.magnanim@diputacion.m400.gva.es)

[www.alfonselmagnanim.com](http://www.alfonselmagnanim.com)

Desenho de Juan Mollá para a capa  
e letra capitular de Juan Ramos

Depósito Legal: V-2742-2004  
Impresso em Lluís Palacios, Sueca

## *Os Pássaros*

**N**asceram com a luz. Eram a luz. Brotaram com a primeira alba, com a voz inicial. Nasceram. Surgiram da luz, da voz; era um abanico imenso que crescia.

Uma luz que crescia, uma voz que voava.  
O rebentar de um átomo que ia coalhando o ar,  
que ia abrindo o espaço, que ia povoando o céu  
multiplicando o sopro da origem.

Rebentavam, rangiam luzes, vozes, espaços.  
Afastavam-se vanguardas da voz, da luz.  
Coalhou o tempo, coalharam certas quietudes, ares.  
Houve um silêncio. Um olhar. Um Sol

Descobriram as suas asas estendidas. Voavam!  
As suas plumas despertaram as cores.  
As asas estendiam-se, agitavam-se. O seu brilho  
era já o pestanejar mais vivo da aurora.

Foi a aurora feliz. Foram os pássaros.  
Foram as asas, foi a luz; o voo.  
Estendeu-se sobre o mar. Sobre o Sol. Sobre o verde  
rumor da erva e da selva que cresciam.

Tudo cresceu sob o bater da asa.  
Foi a nossa alegria Lei primeira.  
Um riso nasceu. Cobriu a terra pura.  
O silêncio escutou. Os pássaros cantavam.

## *O Bosque*

O bosque cresce lentamente. Mas cresce  
tão rumorejante que se escuta  
o seu bramido tão profundo como o mar, como o vento.  
Ouve-se crescer, abrir-se, parir, cantar, balançar.

O bosque canta, sonha. Nas suas folhagens nascemos.  
Nos seus ramos saltámos. Trepámos pelo seu tronco.  
Bosque pleno de ninhos, que se agita com bravura.  
Bosque materno, pai bosque, pátria.

Olhai, olhai a folhagem transparente  
como filtra o azul do céu altíssimo.  
Olhai as raízes das vossas plantas,  
a água verde dos mananciais,  
as fileiras de formigas roxas,  
os répteis de prata, as borboletas de oiro.

Bastando apenas estender as asas  
e voar, e voar; subir cantando,  
subir voando em longas curvas. Depois,  
descer... E subir, cruzar o céu  
sobre o bosque adormecido. Apenas virar a asa  
e girar e dobrar e mergulhar  
no mar vegetal cantando, amando.

É o tempo sem fim. É a manhã eterna.  
É o bosque sem limites. O voo  
sem cansaço. A luz, a luz. O bosque  
tudo clama radiante de alegria.

## *Noite*

A noite ecoa em ti. A noite ecoa  
em teus cabelos onde o vento canta,  
ao profundo clamor das tuas torrentes,  
ao mar que sonha o mar em teus ouvidos.

A noite ecoa em ti. Ecoa nas tuas selvas,  
nos teus inquietos pássaros sem nome,  
ao pisar das tuas feras ciumentas,  
ao grilo de silêncio que pulsa.

Oiço esta noite palpitar nas tuas fontes  
na mágica rede das estrelas.  
Oiço correr o teu sangue noite abaixo,  
enquanto a Lua brama pelo teu peito.

Sinto a noite inteira a tremer de amor.  
mulher distante, terna amada ausente.  
Só, sem ti e no meio do silêncio,  
Oiço-te tremer e tremo, noite minha.

## *Rapazes que Voam*

*A Noneta*

O céu da tarde povoou-se  
de rapazes que voam.  
Têm asas anís, douradas, escarlates.  
Finos fios irradiam os seus braços estendidos.  
Transfigurados na luz os seus corpos  
ascendem, entrecruzam-se,  
descem profundamente e reascendem  
novamente, lentíssimos.  
Suspensos ficam pela tarde.  
Velho sonho esquecido.  
Giram. Viram.  
Flutuam sobre os picos, sobre o vale.  
Filtram-se  
por entre as peneiras azuis do espaço  
enfiados em nítidas agulhas.  
Deslizam por rampas de luz viva,  
por lentos tobogãs de ar doce.  
Sobem. Flutuam. Ou sonham.

Negras asas de abutres como sombras  
elevadas rondam-nos.  
Mas continuam felizes, impávidos, voando.  
Círculos e espirais levantam-nos.  
Altos vão e perdem-se nas alturas,  
fundem-se na branca luz do céu.

Com eles voa tudo o que foste,  
o teu cume ambicionado,  
os teus abismos.  
Com eles vais, tu és  
o que roda mais alto  
sonhando-se no voo.

## *Voo de Dia*

Voo sobre os glaucos glaciares da Noruega,  
fiordes resplandecentes,  
cinzentas estepes abismadas. Voo  
sobre mares redondos de aço indestrutível,  
sobre a multidão dos Alpes  
levantando as suas cristas. Voo sobre  
as selvas amazônicas,  
os desertos de cobre, as toscanas sombrias,  
as castelas queimadas.

Voo entre cataclismos levantados de nuvens  
deslumbrantes e abismos  
de violáceas cavernas, tormentas suspensas.  
Sobre cidades fósseis e sobre geometrias  
estáticas, um campo de xadrez  
desmantelado.  
Sobrevoo um grande mapa marcado sobre o solo  
como a cópia estranha de um astro  
já extinto.

E descendo regresso cegamente  
ao ponto de partida onde, cego,  
ignorarei os voos, as distâncias,  
a área do planeta.  
Como se não existisse  
mais do que este ponto fixo,  
esta casa, este leito,  
este canto do mundo onde voo.

## *História da Pedra*

Apagada pela luz brutal do dia,  
desperta, todas as tardes, ao crepúsculo.  
É uma rocha erecta entre outras rochas,  
na encosta descarnada e velha.

A sua silhueta recupera entre as sombras  
um perfil quase irado, quase uivante,  
um punho em pé, surgindo das ruínas  
desmoronadas pela grande catástrofe.

Nós destroçados, já sem forma,  
conservam ainda a sua fúria. Os tendões  
das suas arestas tensas exibem a sua força.  
Massa de pedra fundindo-se na noite.

A pedra não recorda, mas guarda  
claros sinais na sua pele. Indícios  
e mensagens gravadas que um dia  
alguém decifrará: Letras e signos

que relatam a sua história, peripécia  
minuciosa e muito lenta de outra história  
escrita em cordilheiras e desertos,  
com palavras de abismos e de ondas.

Inutilmente a contemplas. Nada  
te revela a sua rude geografia.  
E a sua história, bem o sabes, é a tua história.  
A sua vida é tão fugaz como a tua vida.

## *No Bosque*

Às cegas pelo bosque,  
tropeçando em troncos escurecidos,  
de venda negra nos olhos,  
procurarás o lugar como um sonâmbulo.

Já de joelhos, apalparás a terra.  
Estará tépida e húmida.  
Encontrarás o sinal da cinza  
e cavarás o buraco com as unhas.

Sob o opaco celamim do céu,  
na noite cerrada,  
enterrarás a tua chama escura  
e aguardarás que rompa a alba.

## *O País da Chuva*

Nesta terra somente chove.  
Chove o amor como chove tristeza.  
Chega a luz, começa quando chove.  
Chove a luz quando a nascer se atreva.

A água da chuva a alma só bebe  
e só bebe chuva a beleza.  
Chuva sem fim enche-nos a cabeça;  
muita chuva regando vida breve.

Crescendo em pé sob a chuva estamos.  
Todos indo a pé por este vale  
de chuva que é a terra. Caminhamos,

com a sua pena e pela sua rua, cada qual,  
tristes de amor se nos enamoramos,  
levando a nossa chuva pelo canal.

## Quase

Um filamento de erva, duas gotas de orvalho,  
o Sol nascente e um pão recente e branco.  
Se quereis, meia lua fechando-se no céu  
e o olho zigiguezagueante de um pequeno lagarto.  
Ou três folhas primeiras, estaladiças de frescura,  
sobre a veia verde de um raminho novo.  
O mais limpo calhau que vereis no rio  
ou a água transparente enchendo as vossas mãos.

Uma beleza débil, de menina pensativa  
Na metade do ouro. E, sob o Sol, a chuva.

...É um sonho perdido. Um amor de reflexos.  
Um mundo escondido atrás de fios de ternura.  
Miragem radiante: São brilhos de uma recordação  
remotíssima e pura cuja marca nos perturba.

“Como deuses...!” E o eco repete: Como deuses...  
Mas não era a chuva, as gotas do orvalho,  
o céu amanhecendo, a lua, que procurávamos.  
São marcas, balbuciações, deslumbrantes indícios.

Outro Sol, outro erva, outro pão, outro céu.  
Maiúsculas, maiúsculas. Ou luz do Paraíso.  
O que se nos perdeu por entre os jasmims?

## *Rios na Noite*

*A Tomás Galdan*

Fechas lentamente os olhos  
e acende-se a noite.

Um silêncio de rios  
caudalosos gela-te  
a memória.

Submerge-se a tarde em paragens sombrias  
perdidas nas concavidades longínquas da tua vida  
e um dilúvio de névoa  
acumula-se ao fundo dos céus  
como uma onda gigante suspensa  
sobre a carapaça débil das tuas pálpebras.

Escutas a ameaça  
do que chegará se as levantas.  
Ou talvez se as tiveres  
Fechadas muito tempo.

E prossegues às cegas caminhando  
como se não pesasse  
sobre os teus ombros tanta desolação,  
tão grande derrota,  
tanta culpa.

Abres os olhos e o silêncio  
dos sombrios rios ululantes  
gela-se na tua memória.

E a noite apaga-se.

## *Quando Fechas os Olhos*

Dilatados países por onde ainda passa o vento  
e continua visitando peregrina, a chuva;  
por onde os caminhos, como veias, se perdem  
e o rumor dos rios na noite perdura.

Regiões habitadas por anjos felizes;  
apertadas cidades quietas na memória  
unidas por enormíssimos comboios do sonho.  
Reinos em paz, adormecidos na aurora.

Longas idade de ouro sob uma luz constante,  
gerações lentas suicidando-se e impetuosas  
sucessões de rosas ou talvez apoteose  
numa cadeia de beijos ou de fantasmas.

Regiões e países e reinos que povoaste  
com os teus vivos segredos e se apagam de repente  
para sempre, sem rasto; e se perdem contigo,  
confundidos na tua sombra, quando fechas os olhos.

## *Esta Tarde, o Jardim*

*A José Raúl*

Esta tarde, o jardim é uma marca  
do olhar de um rapaz ausente.  
Jardim quieto na luz da memória.

Avanço pela vereda e não a piso.  
Entre os loureiros e as bétulas  
filtro-me mas não existo. À minha passagem  
as folhas não se movem. Sou tão somente um fantasma  
perdido entre as sombras da recordação.

Era um jovem tranquilo. Certo dia  
habitou este jardim. Olhou as massas  
dos cedros balançando-se,  
os arbustos em flor que se agitavam  
e os caminhos serpenteantes.  
Seguiu uma borboleta, libertou um insecto  
acariciou as pétalas da flor da macieira,  
contemplava a dança das folhas,  
o cambiante esplendor das cores,  
a diversão dos ramos, o vaivém do baloiço.

Todo o jardim rodava, dançava lento e leve,  
ia abrindo-se puro, florescendo.  
Talvez em sua honra.

O jovem já não existe  
e esta tarde o jardim é talvez tão somente  
o instante parado no seu olhar.

## *Porquê*

Como ignorar as coisas tão estranhas  
que por vezes sucedem, sem resposta.  
Por que de repente os ladrões fogem  
quando não há ninguém em casa.  
Por que de repente se ouvem leves passos.  
no deserto cascalho.  
Por que uma força de repente lança  
o teu corpo sobre a água do tanque.  
Porquê essas vozes onde ninguém grita.  
Porquê esse ramo quebrado, essas flores ceifadas,  
esse silêncio incompreensível.  
Por que se esconde o anjo.  
Que espírito, alma penada, antigo dono  
que já não existe, vagueia atrás dos troncos  
sombrios das árvores  
quando a tarde cai.  
Porque um pássaro morto,  
porquê um sonho esquecido,  
uma chave ferrugenta,  
uma luz na noite que se acende e se apaga.

## *O Medo*

Quem é capaz de despertar as sombras  
do seu próprio crepúsculo secreto?  
Quem é capaz de mergulhar as mãos  
até ao coração do seu silêncio?  
Quem é capaz de revelar o seu perturbado  
amor com as trevas, corpo a corpo;  
enfrentar as vozes que nos desafiam  
desde o mais profundo do medo;  
confrontar-se perante o deus inexorável  
e reclamar-lhe o seu mistério  
e gritar à gruta do seu ventre  
as sílabas do eco  
e ouvir as palavras sentenciadoras  
do coro do estrondo;  
abrir os olhos à luz terrível  
que se esconde no que é negro?  
Quem é capaz de abandonar a sua máscara  
e revelar o desnudo e cego rosto?

## *À Margem*

1

### *Underground*

Medo crucificado por crianças implacáveis,  
asas com alfinetes, fogo na boca, grito  
na tarde.

Tremor de sombra, atrito cinzento, sussurro,  
palpitação da humidade, contacto  
com o obscuro.

Pequeno coração a piscar,  
pupila cega que nos observa horrível  
durante os sonhos.

Reina na noite pálida, morcego,  
alma furtiva, morador da cave,  
presidiário fugido entre cabos de morte,  
eterno fugitivo  
da Lei e do Sol, rondando o crime  
à margem da luz, da carícia  
e do beijo impossível, irmão nosso.

*O Gato Negro*

A negrura absoluta contempla-mos  
imóvel.  
Não compreende.  
Larva de escuridão universal  
no enganador veludo.  
Que frialdade de mistério na sua espessura.  
Negra esfinge distante. Negra ausência.  
Tudo o que está ausente coalha no seu contorno.  
Negro abismo imediato.

A escuridão move-se. Lentamente,  
dissimulada, já avança.  
Quão agourenta desliza  
alongando vagarosamente o seu focinho para a terra.  
A escuridão pára.  
Avança uma garra mansamente.  
Um relâmpago negro, um salto feroz  
e o pássaro de luz agita-se já nas suas fauces.

*Subterrâneos**A Víctor Alperi*

Por selvas de raízes esgaravata galerias  
com os olhos cegos metidos na terra.  
Com a urgência do pânico desliza na escuridão  
escavando pradarias interminavelmente.

Escravo das suas unhas, condenado a trabalhos  
de preso fugitivo que não pode ver a Lua,  
jamais terminará o seu labirinto.

Vive para fugir e não fugirá nunca  
de uma prisão que nunca existiu na sua consciência,  
pobre e frágil toupeira. Eternamente fugindo  
não tenta procurar a liberdade do ar.

Tu viste remover-se a terra debaixo da relva  
e de um golpe certo quebraste-lhe o coração.

Poe

*“E Noé soltou u corvo,  
que ia e vinha,  
até que as águas se secaram sobre a terra”  
(Gen., 8.7)*

Profeta da noite. Mensageiro do medo,  
disfarçado espião do Reino do Oculto,  
pelo lado sinistro corta todas as veredas  
da tarde.

Alma penada errante de Caím,  
nunca regressarás à Arca da aliança  
(Disse o corvo *“Nunca mais”*)

Pela laguna negra e proceloso bosque,  
por torres de verdugos e penhascos de suicidas,  
batem as suas asas lentas  
e os seus olhos vigiam sem descanso  
pressagiando a morte.

Não vás, corvo, ao silvo dos homens.  
(Disse o corvo: *“Nunca mais”*)

Profunda fenda com asas, contrário de pomba,  
vingador do morcego,  
inocente e maldito estrangeiro do ar.  
Nunca encontrarás a paz, irmão corvo. E nunca  
Poderás regressar, puro, às trevas.

(Disse o corvo: *“Nunca mais”*)

*Lobo**A Ramón Hernández*

Noite de alquimia. Feitiços e visões  
convertem em augúrio o seu latido.  
A memória e o sonho são olvido  
e do medo crisol dos corações.

Voz da noite lúgubre, não menciones  
já o teu requiem para o recém nascido.  
Aguarda até ouvir o seu último grito.  
Sortilega lustral, não me abandones.

Noite, não recues. Vivo em ti. Sou comum  
com a Lua e com o Lobo. Não desperte  
o Sol adormecido nem fulgor algum.

Que só o pirilampo concerta  
o negrume e a luz e que nenhum  
advirta os caninos da Morte.

*O grande consumidor de carne podre*

Doze abutres perscrutam nas alturas.  
Descem, planam, espreitam, rodam.  
Abeiram-se aos precipícios, rasam picos,  
sobrevoam abismos.

Que podridão poderão encontrar num deserto  
sem vida, estas encostas  
de granito e de cal, desabitadas.

Que morte anunciam, se não há nada que morra  
neste fóssil resto de planeta  
senão a sua alucinante beleza condenada.

Belos abutres aleonados  
que amo como amo os céus.

*Teia de aranha*

Funâmbula lentíssima no fio  
de cristal da noite.  
Triste envenenadora cuja astúcia  
prepara aleive o crime.  
Repulsivo contacto do mole.

Que Universo dispões no bosque  
estendendo os teus espelhos que reflectem  
a ordem sideral do firmamento,  
geométrica e subtil astronomia  
que copia o ritmo da luz primeira.

As tuas redes não são armadilha à Lua.  
É o teu sono impossível de beleza,  
corcovada escondida  
na radiante catedral que inventas  
em cada noite e te salva,  
obscura dama.

*O anjo caído*

No grito que cai, Luzbel sente  
na coxa viril uma carícia  
que desliza firme pelas virilhas  
inventando-lhe o sexo e enrosca-se-lhe  
poderosa até ao pé.

O seu dorso é frio mas a sua força impede  
Talvez a queda.  
E ainda resta entre as suas fauces certo aroma  
tentador de maçã.

Que memória do voo  
arrasta a serpente.

*O verme*

Possuis a maçã  
que as Graças e as Deusas disputam.  
Oculto na dentada  
de Adão, vences o tempo.  
Galã do Paraíso.  
Rei da Esfera.  
Vagabundo oculto  
que irá apoderar-se da nave  
quando chegue o naufrágio.

## E 10

*Irmã Ratazana*

Não.  
A ratazana, não.  
(Mas, por que  
não?).

## *Cave Canem*

Os jardins encerram-se entre muros de pedra,  
muralhas de granito com musgo ou de calíça  
ferrugenta  
e cercas forradas de heras ou parreiras;  
encouraçam-se com sarças ou ciprestes  
ou vestem-se com sebes de loureiros ou de mirtos.  
Jardins de enjaulados roseirais,  
alegretes muito cuidados com manuais precisos  
e secretos tanques com nenúfares.  
Também há invernadores onde o Sol se cultiva  
e jardins selados cujos donos  
são gigantes egoístas que proíbem  
a entrada às crianças.  
Jardins como poços, como claustros,  
como submersos numa esmeralda  
onde se estancam os aromas  
e fermenta o prazer ou a tristeza.

Mas o vento não conhece muralhas,  
passa sobre muros ou sebes  
e unifica caramanchões e jardins,  
hortas desabitadas e parques de domingo,  
pradarias e desertos;  
disseminando pólen e espalhando sementes  
vão aparentando flores e árvores de fruto,  
da mesma maneira que as abelhas ou as aves migratórias.

E a memória cruza com o vento,  
transpõe os postigos, faz seus  
jardins entrevistados noutro tempo,  
as suas paragens mais íntimas,  
os caramanchões com glicínias,  
as pérgulas povoadas por pavões,  
os jardins adormecidas das ilhas,  
os mais longínquos paraísos.

Um odor a jacintos e de erva cortada,  
de lilás e de gerânios e de alecrim  
vaga sobre as cercas, sobre as lombas, as planícies  
e sobre as dunas douradas onde floresce um lírio,  
como um único aroma.

Ainda que muros e cercas e limites  
se empenhem a domar a beleza do mundo  
dividindo o jardim da Terra  
em múltiplas parcelas protegidas  
de propriedade privada.  
*Cave Canem.*

## *Passam sobre o jardim*

Passam sobre o jardim as primaveras,  
detêm-se num ponto os verões  
e regressam os outonos como vento com folhas  
e os invernos caem e duram mas passam.  
E vão os anos adensando a relva  
e fazem crescer as árvores  
e escurecem a areia  
e apagam os caminhos  
e o jardim torna-se velho  
esquecendo o pulsar da seiva.  
O jardim torna-se velho  
mas tu pensas que ainda vives  
no primeiro jardim.

## *Jardim ou selva*

Jardim ou selva, ou mapa  
à escala natural, ou labirinto  
sem princípio nem fim,  
deserto ou baldio ou páramo ou estepe  
ou parque ou bosque ou selva  
ou éden, ou selva, ou floresta,  
ou selva, ou selva, ou selva,  
onde procurar caminhos de saída,  
de salvação, de liberdade; clareiras  
de paz, raros achados  
de mananciais virgens, ou pássaros de fogo,  
ou tigres, ou serpentes,  
ou abismos, ou veredas que levam até ao mar,  
ou restos de pré-história ou de marcas perdidas,  
machados, facas, dardos  
silvando pelos ares,  
selvagens escondidos, selva, selva,  
jardim, éden, ou pátria, ou continente  
por conquistar, o bosque sem saída,  
sem salvação, sem limites, a vida  
estendendo as suas folhagens, as suas raízes,  
as suas ramagens, as suas armadilhas, os seus esquecimentos,  
jardim ou selva onde abrir passagem  
indefinidamente, para o princípio,  
para o além do azul,  
para o primeiro jardim.

Jardim primeiro.

Ou selva

A edição do número 82 de  
ELS PLECS DEL MAGNÀNIM,  
*A selva e outros sonhos*  
de Juan Mollá,  
foi impresso em papel Torreón,  
quer o seu miolo quer a sobrecapa,  
em tipo Didot para o texto.  
Acabou de se imprimir  
no dia 28 da Junho de 2004,  
em Sueca,  
nas oficinas da tipografia  
de Lluís Palacios

